

EXPERIÊNCIA DO OLHAR

Jean Carlo Bris da Rosa¹
Alexandre Rafael Garcia²

INTRODUÇÃO

Em um mundo onde somos bombardeados diariamente por imagens, já não é sustentável manter uma postura passiva diante do oceano de informações recebidas por cada um de nós, especialmente através de audiovisual. Educar o olhar do indivíduo para que ele adquira maior sensibilidade àquilo que enxerga, torna-se uma questão essencial e de relativa urgência. Buscar maneiras para suprir essa demanda impreterível da educação do olhar exige, antes de mais nada, a compreensão do potencial expressivo da linguagem audiovisual alcançada por meio do estudo bibliográfico e da análise de dados colhidos junto a educadores do ensino fundamental e médio.

É fundamental ressaltar que assumimos o audiovisual como uma mídia genérica que abrange desde vídeos diversos do YouTube, passando por toda a gama de conteúdo televisivo e chegando até ao cinema. Deste modo, optamos por delimitar nossa pesquisa a partir do estudo do cinema, como história e estética, para evitar que fôssemos submetidos a resultados muito amplos e imprecisos nesta primeira iniciativa de desbravamento do tema.

Esta pesquisa se nutre das poucas referências bibliográficas que abordam sobre a ligação entre audiovisual e educação; do trabalho de produção audiovisual com crianças e adolescentes em diferentes projetos sociais; e do levantamento de dados com professores de diferentes disciplinas do ensino fundamental e médio. Constata-se que no panorama educacional contemporâneo o audiovisual é muito utilizado como

¹ Aluno do 3º período do curso de Produção Multimídia da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2015-2016). *E-mail*: jean.bris@gmail.com

² Mestre em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail*: alexandre.garcia@fae.edu

ilustração de diferentes fatos e temas (literários, históricos, geográficos etc.), mas pouco analisado e trabalhado como forma (é pouco discutido a partir da estética, em termos de produção e de crítica).

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A torrente inesgotável de informações, especialmente recebidas por nós na forma de audiovisual, gera uma série de deslumbrantes distrações que causam inadvertidamente um sistemático desinteresse a respeito das mais diversas questões de nossa sociedade, sejam elas culturais, sociais ou filosóficas (PAGLIA, 2014). Foca-se no consumo indiscriminado de conteúdo, mas acaba-se pensando muito pouco sobre as nuances e detalhes daquilo que vemos. Torna-se inegável a necessidade de educar o olhar dos indivíduos em nossa sociedade para alcançar uma sensibilização daquilo que se enxerga.

Apesar da escassa bibliografia a respeito do tema audiovisual e educação, uma referência com certa difusão no Brasil é o livro *A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*, do francês Alain Bergala, lançado em 2008. A princípio, a obra não se difere da categoria “relato de experiência”, pois narra o trabalho desenvolvido por Bergala para o Ministério de Educação Francês de 2000 a 2002. A diferença é que Bergala trabalhou por mais de 30 anos na área do cinema, sendo crítico da importante revista *Cahiers du cinéma*. O seu trabalho com educação, portanto, foi uma transposição (e transformação) de suas reflexões prévias.

Em outra linha do trabalho realizado por Bergala, temos aqui no Brasil o projeto “Imagens em Movimento”, programa que oferece oficinas de cinema para estudantes de escolas públicas cariocas, além de ofertar cursos de capacitação para educadores amantes do cinema enquanto arte. Cineastas, professores e estudantes de diversos países se unem para experimentar a aventura da (re) descoberta do cinema. Vários filmes são vistos, debatidos e realizados ao longo de um ano letivo, partindo de propostas pedagógicas compartilhadas, e os filmes que resultam deste processo são apresentados anualmente no Encontro Internacional na Cinemateca Francesa (IMAGENS em movimento, 2016).

A partir da mescla entre teoria e prática, é possível não apenas compreender melhor o cinema enquanto arte, como também todos os processos envolvidos que se constituem como alicerces da concepção de uma obra audiovisual. A compreensão dos mecanismos de produção é fundamental nessa empreitada pedagógica, pois o tema e a forma de um filme são expressivos (AUMONT, 2005) e é necessário tomar cuidado para não “imitar o inimigo”, ao se focar confortavelmente no palatável cinema comercial americano ou, pelo contrário, demonizá-lo com o intuito de valorizar o cinema

independente – que por fim acaba sendo desvalorizado num efeito oposto ao desejado (BERGALA, 2008). A força dos filmes menores e intimistas vem da iniciativa de treinar e aguçar o gosto do espectador para esses filmes em vez de simplesmente incitá-lo a odiar os *blockbusters* de Hollywood.

2 METODOLOGIA

A pesquisa sobre a “Educação Audiovisual” possui finalidade exploratória. Num primeiro momento foi utilizado um procedimento de pesquisa bibliográfica em que se buscou definir linhas sólidas a se seguir na análise e interpretação da estética cinematográfica. Depois, averiguou-se a compreensão do panorama do audiovisual relacionado à educação, por meio de obras que relatavam experiências que já foram realizadas e projetos bem-sucedidos. Em um segundo momento, utilizou-se o método de pesquisa *survey* para realizar um levantamento quantitativo de amostragem não probabilística tipificada, para confirmar a hipótese de que o audiovisual é utilizado em sala de aula, mas não de forma efetiva, limitando-se a ilustrar o conteúdo de diversas disciplinas, mas nunca se atendo a sua própria forma.

O questionário possui nove perguntas e foi legitimado por três profissionais da área da educação:

1. Prof. Ana Dillon – Projeto Imagens em Movimento;
2. Prof. Pedro Plaza Pinto – Universidade Federal do Paraná (UFPR);
3. Prof. Solange Stecz – Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

Após esse processo de validação, ele foi aplicado a 15 professores do ensino fundamental e médio, de escolas de Curitiba e Região Metropolitana. As perguntas submetidas aos educadores buscaram informações sobre os interesses particulares dos professores em relação ao cinema, seu nível de conhecimento, quais as utilizações do cinema em sala de aula, os objetivos dessas exibições e os resultados alcançados; além da breve análise do professor em relação à interação com os alunos e ao que seria necessário para uma melhor utilização do cinema em sala de aula.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente, devemos tomar conhecimento das questões abordadas junto aos professores:

1. Em uma escala de 0 a 10, qual é o seu interesse por cinema?
2. Em uma escala de 0 a 10, como você julga seu conhecimento sobre cinema?

3. Já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina?
 - 3.1 Se já exibiu filmes em sala de aula como suporte à disciplina, justifique seu(s) motivo(s):
4. Em sua disciplina, já fez alguma atividade de produção audiovisual?
 - 4.1 Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, descreva a atividade:
 - 4.2. Se já fez alguma atividade prática com audiovisual em sua disciplina, como foi a reação e interação dos alunos?
5. Como você enxerga a possibilidade de utilização do cinema em sala de aula: Desinteressante, Interessante ou Indiferente? Se possível, justifique.
6. O que julga ser necessário mudar para melhor aproveitar a utilização do cinema em sala de aula?

Dadas as perguntas, os resultados obtidos confirmam a hipótese de que a maioria dos professores já utilizou audiovisual em sala de aula. Dos quinze profissionais que responderam ao questionário, 14 afirmaram já terem utilizado o cinema em sala de aula.

Com relação à questão número 1, observa-se que 93% dos professores demonstraram interesse pelo cinema num âmbito geral, ao responder na escala números acima de 5.

No entanto, conforme é notável na segunda questão, 74% dos professores julgam que seu próprio conhecimento sobre cinema é mediano, concentrando-se a escala entre 5 e 7.

Por sua vez, 73,3% afirmam já terem utilizado o cinema como suporte a uma disciplina e fica claro que comumente a obra cinematográfica utilizada é exibida apenas em trechos, para ilustrar outros conteúdos, e não é usada para se falar sobre o próprio audiovisual ali exposto.

Para os professores é positiva a reação dos alunos ao realizarem em sala de aula atividades que envolvem a exibição e a interação com filmes. Na visão dos educadores, o uso do cinema em sala de aula é interessante, mas a falta de tempo, de recursos técnicos e de interdisciplinaridade são fatores determinantes para que a iniciativa se atenha sempre a uma abordagem rasa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora haja, sem dúvidas, alternativas e pontos de vista à respeito do audiovisual na educação, esta pesquisa optou por defender o uso do cinema como uma arte própria. A resistência institucional, comum a qualquer novo modelo, faz com que as possibilidades de utilização do audiovisual em sala de aula, para construir indivíduos cujo olhar crítico e criativo cruze as limitações ainda hoje existentes, caminhe a passos lentos. Assim como observa Bergala (2008), o audiovisual, no caso do cinema, se trata de uma arte que naturalmente é um elemento anárquico que causa perturbação em qualquer estrutura institucional. Portanto, é sistemática a dificuldade em delimitar seu uso da mesma maneira que fazemos em relação às outras disciplinas tradicionais.

Além da essência perturbadora, o audiovisual pede a qualificação do professor para a utilização em sala de aula, já que é evidente que sem o conhecimento necessário sobre todas as suas possibilidades estéticas, dificilmente se sairá do lugar comum do uso ineficaz dessa mídia, limitando-se a mero instrumento de suporte às outras disciplinas. A ausência de licenciaturas de cinema no Brasil faz com que essa qualificação tenha que ser pensada além de um curso superior de ensino.

Enquanto as instituições de ensino não se adequam, os alunos continuarão a traçar um caminho autônomo de conhecimento e percepção do audiovisual. Ronda o perigo de eles desenvolverem uma cultura própria, sem o devido direcionamento, repleta de ideologias tão indobráveis que torne ainda mais difícil a educação institucional intervir.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. et al. **A estética do filme**. Campinas: Papyrus, 2005.

AUMONT, J.; MARIE, M. **A análise do filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão de cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei n. 13.006, de 26 junho de 2014. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BORDWELL, D.; THOMPSON, K. **A arte do cinema**: uma introdução. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP, 2013.

CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Org.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CHRISTENSEN, O.; TUFTE, B. Mídia-educação: entre a teoria e a prática. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 97-118, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/13133/12293>>. Acesso em: 1 maio 2015.

FERRO, M. **Cinema e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JAMESON, F. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997.

IMAGENS em movimento. **O projeto**. Disponível em: <<http://imagensemovimento.com.br/o-projeto>>. Acesso em: 18 jun. 2016.

LE MOS, S. Nativos digitais X aprendizagens: um desafio para a escola. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.senac.br/BTS/353/artigo-04.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2015.

MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas: Papyrus, 2006.

OLHAR Digital. **Internet 4G brasileira é mais rápida que nos EUA e no Japão**. 13 mar. 2015. Disponível em: <<http://olhardigital.uol.com.br/noticia/internet-4g-brasileira-e-mais-rapida-que-nos-eua-e-no-japao/47333>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

PAGLIA, C. **Imagens cintilantes**: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.